

Ciência para pequenos pensadores p.4

Espanhol: todos saem preparados p.6

Canção da despedida p.8

Lições do tatame p.12

A plenos pulmões

A Princesa e o Sapo, primeiro musical de fim de ano com música ao vivo, apresenta desafios que o grupo de Teatro do Sabin está preparado para enfrentar p.10

Aprendendo com os melhores

Em outubro, o Sabin participou de um evento de grande valia para nossa busca pelo aprimoramento constante. Em um encontro internacional de diretores escolares, na China, estiveram presentes cerca de 250 profissionais chineses, além de representantes de escolas da África do Sul, Austrália, Canadá, EUA, Finlândia, Reino Unido – e Brasil, do qual o Sabin e o Colégio Vital Brazil foram os únicos representantes.

Foi uma oportunidade para trocar experiências com educadores de alguns dos países com melhor qualidade educacional no mundo. As escolas de Xangai e Hong Kong ocupam a 1ª e a 3ª colocações, respectivamente, no ranking do Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), enquanto Finlândia, Canadá e Austrália estão entre as 10 primeiras. E saímos satisfeitos desse encontro, principalmente por notar como, apesar de enormes diferenças culturais, compartilhamos com esses países alguns dos mesmos objetivos e investimos em soluções semelhantes para oferecer uma educação de qualidade.

Bom exemplo é o investimento na qualificação do nosso corpo docente, que começa na seleção de novos professores, quando avaliamos não apenas sua titulação acadêmica, mas também sua habilidade em sala de aula. Depois de contratados, nossos professores continuam recebendo estímulos do Colégio, dos quais destacamos a prática de assistência de aulas, também muito presente nas escolas chinesas: assessores peda-

gógicos assistem às aulas para discutir as práticas de ensino com os professores, trocando impressões e traçando caminhos de aperfeiçoamento.

Chamou-nos a atenção, ainda, ver como os chineses parecem dispostos a iniciar um movimento em direção ao equilíbrio entre resultados acadêmicos e qualidade de vida para os estudantes – algo que, por muito tempo, foi visto como equação impossível, lá e aqui no Brasil. A rigidez do sistema educacional chinês se faz notar na própria infraestrutura oferecida – pareceu-nos que o que aqui consideramos básico e necessário (afinal, o conforto influencia o aprendizado) lá não é tão valorizado.

Já no Brasil, até cerca de vinte anos atrás, a maioria das escolas parecia se encontrar no outro extremo: o bem-estar do aluno e o aprender com prazer eram valores maiores que os resultados acadêmicos. Não havia ainda o entendimento, hoje majoritário, de que a educação precisa ser avaliada, mensurada e aprimorada a partir de números e dados reais.

Assim, quando ouvimos educadores chineses preocupados em propor uma escola mais humanizada, mas sem comprometer os resultados, sentimos que estamos no caminho certo. Afinal, se pais e mães com filhos no Sabin sabem que nosso colégio sempre foi bastante exigente e persistente na busca da excelência acadêmica, sabem também que a qualidade de vida dos nossos alunos sempre esteve, e estará, entre nossas prioridades.



Cristina Godoi
Mantenedora do Sabin
cristina@albertsabin.com.br

MANTENDO A AMIZADE MESMO DEPOIS DO SABIN

A história do Sabin é construída dia a dia pelos estudantes – inclusive por aqueles que já deixaram o Colégio. Tendo em vista a importância dos ex-alunos na composição de nossa comunidade, aprimoramos os meios de comunicação com os que já seguiram seus caminhos, em busca das oportunidades para as quais o Sabin os preparou. Desenvolvemos uma nova área no site para que os ex-alunos possam reencontrar seus antigos colegas de turma. Nossa expectativa é valorizar a amizade construída nos anos em que estiveram conosco. Se você é ex-aluno, acesse <http://albertsabin.com.br/www/exalunos>. Caso não se lembre do login ou da senha, ligue para (11) 3712-0713, ramal 292, e atualize seu cadastro. Aproveite os serviços do nosso site, mesmo depois de sua formatura, com a nova área reservada para você!



EXPEDIENTE Colégio Albert Sabin Ltda. Av. Darcy Reis, 1.901 – Pq. dos Príncipes – São Paulo – SP – Tel.: (11) 3712-0713 – www.albertsabin.com.br
– Sabin Mais Cultura e Informação é o órgão de comunicação do Colégio Albert Sabin Mantenedores: Gisvaldo de Godoi, Neusa A. Marques de Godoi, Cristina Godoi de Souza Lima Direção: Giselle Magnossão Marketing: Adriana Vaccari Colaboradores: Denise Atraijo, Dionéia Menin, Florinda Manuchaguian, Giselle Magnossão, José Roberto Ramalho Pinto, Laércio Carrer Diagramação e Arte: Giovanna Angerami Redação: Alexandre Bandeira, Adriana Nakamura Jornalista Responsável: Alexandre Bandeira MTB 49.431 Produção Gráfica: Ricardo Gomes Moisés Fotografias: Divulgação Sabin, Júlia Salles, Paulo Barcelos Revisão: Adriana Duarte, Angela Maria Folloni de Souza Impressão: Flor de Acácia Esta é uma publicação da Baraúna Comunicação – Tiragem de 6.000 exemplares – Distribuição gratuita – Novembro de 2012

Inglês não é opção, é requisito

Representante de Cambridge no Brasil garante: o Inglês ainda será o idioma mais falado no mundo por muito tempo.

“Além do inglês, que outra língua você fala?” Segundo RONE COSTA, representante da Universidade de Cambridge no Brasil, essa é a pergunta que se escuta em entrevistas de trabalho, hoje em dia. Para ele, o domínio da língua inglesa deixou de ser um diferencial nos currículos para se tornar requisito básico. Costa é responsável por cumprir uma das missões da universidade britânica no nosso país: ajudar as instituições de ensino a potencializarem seus programas de Inglês, para que a consequência seja a certificação internacional do maior número possível de alunos brasileiros.



Há cinco anos, o Sabin é oficialmente reconhecido por Cambridge como centro preparatório e sede de aplicação de exames de certificação da universidade – no Colégio, são aplicados o FCE (First Certificate in English), o CAE (Certificate in Advanced English) e o CPE (Certificate of Proficiency in English). “A estrutura do Colégio e o número de candidatos inscritos todos os anos nas provas de certificação justificam o selo oficial dado ao Sabin”, explica Costa. Nesta entrevista, ele fala sobre a importância de tais certificados.

Como é o processo de certificação?

Os exames são elaborados pela Universidade de Cambridge e aplicados em cerca de 150 países para comprovar o nível de Inglês dos estudantes. As instituições preparam seus alunos, e as provas são enviadas da Inglaterra. Os exames são, então, aplicados nos países e reenviados à Universidade, onde são feitas as correções. Sendo aprovado, o aluno recebe a certificação como resposta.

Qual é a relevância desses certificados?

Eles são a comprovação do conhecimento do Inglês. Além de serem reconhecidos mundialmente, no Brasil, eles substituem provas de proficiência em língua estrangeira nas principais universidades. Quanto ao mercado de trabalho,

o candidato que apresenta essas certificações fica em vantagem competitiva sobre seu concorrente, principalmente em empresas multinacionais.

Por que é tão importante falar Inglês?

O Inglês está presente em tudo. No campo profissional, as empresas têm ligações com clientes estrangeiros e fazem transações internacionais constantemente, tornando imprescindível o conhecimento da língua. Já, se pensarmos no acesso à informação, basta fazer uma pesquisa rápida na internet e pedir a exibição só de páginas em Português. Você recebe um número

“x” de resultados. Se pedir também as páginas em Inglês, vai ver que o número será muito superior. Seja na vida acadêmica, seja na profissional, o Inglês é fundamental para alcançar o sucesso.

Mesmo com a ascensão de novas potências, o Inglês continuará relevante? Qual será o papel de outros idiomas, como o Mandarim ou o Espanhol?

Mesmo com o desenvolvimento de outros países, o Inglês continuará sendo, por muito tempo, a principal língua falada no mundo. Sem dúvida. No entanto, como o mercado já parte do princípio de que a pessoa tem de dominar o Inglês, os outros idiomas passam a figurar como fatores diferenciais no mundo competitivo.

O uso da internet facilita a aprendizagem do Inglês?

Acredito que sim. Antigamente, o contato que o aluno tinha com a língua inglesa era só nas aulas de idiomas e, eventualmente, em músicas, filmes ou viagens. Com a internet, com os celulares e os videogames, as pessoas estão perto do Inglês a todo momento. Isso facilita o processo de aprendizado, porque você está mais exposto ao idioma. É claro que, assim como no Português, há vícios de linguagem nessas mídias, mas esse contato é fundamental para a aquisição da fluência e para o aumento do repertório.

Ciência para pequenos pensadores

Experimentos consolidam a base do pensamento científico desde cedo para gerar adultos críticos e questionadores.

É uma lição que toda criança traz de casa: “Antes de comer, lave as mãos”. Pai e mãe ensinam que mãos sujas têm “bichinhos” que causam doenças, e os pequenos fazem bem em obedecer. Mas, ponha-se no lugar de uma criança de 7 anos. Na maioria das vezes, suas mãos estão aparentemente limpas. A olho nu, é impossível ver qualquer criatura ameaçadora. Por que acreditar, então? Como confirmar essa afirmação?

Entre setembro e outubro, os alunos do 2º ano do Ensino Fundamental I puseram à prova a hipótese dos “bichinhos”. Munidas de cotonetes, as crianças saíram pelo Colégio, passando a ponta de algodão em diversos objetos, alguns bastante insuspeitos, como maçanetas e celulares. Em seguida, mergulharam os cotonetes em soluções líquidas à base de gelatina incolor, água morna e caldo de carne. Eram meios de cultura, ambientes propícios para a proliferação de micro-organismos, que depois foram acondicionados em recipientes plásticos e guardados no laboratório de Ciências do Sabin. Cerca de quatro dias mais tarde, cada recipiente continha evidentes formas de vida, visíveis a olho nu, colônias de micro-organismos de variadas cores e formas. A conclusão da turma: se passamos as mãos naqueles objetos pesquisados, nossas mãos estão realmente sujas.

“Nossa meta é desenvolver o pensamento científico nos alunos desde cedo”, diz Maria Teresa Mastroianni, assessora de Ciências da Educação Infantil e do Fundamental I. Ela explica que o pensamento científico segue um método – observar, levantar e testar hipóteses, para só então tirar conclusões – fundamental para todo mundo, mesmo para quem não é um cientista, no sentido exato da palavra. “Exercitar esse método é aprender a questionar, a não aceitar respostas prontas, a pôr à prova diferentes versões de um fato e até mesmo nossas próprias ‘verdades’, nossas

convicções”, diz a assessora. “É fortalecer o espírito crítico de que todos nós precisamos, quando nos relacionamos com outros, quando lemos jornais ou quando fazemos escolhas políticas, por exemplo.”

Se a observação e a experiência são a base do método científico, a troca de ideias as enriquece. Assim, em experimentos como os do 2º ano, sobre micro-organismos, ou em atividades na Horta do Sabin, onde os alunos aprendem sobre diferentes tipos de plantas – quais precisam mais de água e de sol, quais dão frutos, quais são comestíveis, quais são medicinais, etc. –, a discussão é elemento constante. “Eles se sentam em roda, lançam ideias, discordam uns dos outros, apresentam argumentos”, diz Maria Teresa. “Uma criança pode dizer para outra: ‘Se você fizer isso, não vai dar certo, porque vai acontecer assim, e não assado.’ Esse é um bom momento para testarem suas opiniões.”

Mas será que é possível consolidar o pensamento científico nas crianças de forma que, quando crescerem, não dependam mais de atividades dirigidas pelas professoras? Segundo Maria Teresa, a empolgação e a curiosidade natural da criança já são uma grande ajuda: “Eles são muito observadores e os primeiros a nos propor experimentos. Tudo que encontram em casa, trazem para cá: folhas e pedras diferentes, insetos, até um pintinho morto já me trouxeram”, diz a assessora. Ela sorri ao lembrar que uma aluna chegou a insistir com os pais para vir ao Colégio, mesmo com febre, porque era o dia em que sua turma veria as colônias de micro-organismos.

“As experiências são divertidas para eles, mas a diversão está a serviço de um objetivo sério, fundamental para a formação do aluno”, diz Maria Teresa. “A Ciência desmonta preconceitos, o senso comum dá lugar a conhecimentos sólidos, faz o homem avançar.”

Colega de Isabela, Mateus Ribeiro Cerqueira terá a chance de observar micro-organismos no ano que vem.



APRENDENDO COM O RATINHO APAIXONADO

Não é incomum que amantes da Literatura saibam de cor passagens inteiras de suas obras preferidas. E se um dos objetivos da escola é, desde cedo, inspirar nos alunos o mesmo amor pelos livros, a memorização pode ser uma estratégia eficaz. Por isso, explica a assessora pedagógica de Língua Portuguesa Karla Ramos, um dos gêneros textuais trabalhados com os pequenos é o **conto acumulativo**. “São contos de estrutura simples: uma mesma frase é repetida várias vezes, cada vez acrescentando um elemento novo à história.” Exemplos conhecidos são as músicas “A velha debaixo da cama” e “O pintinho piú”. Mas poucos têm enredo tão bonito e rico quanto o que o músico Paulo Tatit criou sobre o ratinho apaixonado pela lua, que as professoras da Educação Infantil apresentaram aos alunos em outubro, por meio de fantoches. “Eles ficaram encantados. Esse tipo de conto amplia o vocabulário e o gosto pela Literatura; afinal, ‘saber de cor’ é saber de coração.”

Para quem não conhece a história do Rato e a Lua, vale conferir: migre.me/brLmT



De onde vem o espinafre do bolinho? Isabela Otsuka Yamazoe, do 1º ano E, vai descobrir.



Espanhol: todos saem preparados

Alunos do 9º ano se despedem das aulas de língua espanhola com nostalgia e confiança no futuro.

Durante o mês de outubro e início de novembro, os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II realizaram um projeto, nas aulas de Espanhol, que fez aflorar, na turma, o que a professora Yisely Marino chama de *sentimientos encontrados*. A expressão é típica do idioma e não encontra correspondente exato no Português, mas pode ser entendida como um misto de emoções opostas: alegria e tristeza, empolgação e medo. É compreensível. Tratava-se, afinal, de um momento de despedida.

De todas as disciplinas do 9º ano, o Espanhol é a única que não continua na 1ª série do Ensino Médio (ela se mantém, entretanto, como atividade opcional pelo Programa Sabin+Esportes&Cultura). O 9º ano, além disso, marca também o fim do ciclo do Ensino Fundamental. “Elaboramos um projeto que servisse como um adeus não só ao curso

de Espanhol, mas também ao prédio Monet, aos professores e à coordenação pedagógica do Fundamental II”, diz Yisely.

Batizado de *Nuestro Adiós*, o projeto usou como subsídio as próprias memórias dos alunos – o que eles imaginam guardar da fase que se encerra. Cada aluno sugeria uma palavra ou expressão que melhor representasse suas experiências no Sabin até hoje. Quarenta sugestões foram selecionadas pelas professoras, que dividiram as turmas em grupos. O repertório resultante compunha uma espécie de painel de memória afetiva da turma, marcado pelos tais *sentimientos encontrados*. Palavras como *esfuerzo* e *dificultad* acompanhavam uma natural *nostalgia*. Itens culturais de sucesso entre os adolescentes de hoje, como a canção “Gangnam Style” ou a famosa série de livros “Jogos Vorazes” (ou *Juegos del*

Hambre, “jogos da fome”), também marcaram presença. Cada grupo teve, então, de fazer uma apresentação oral em Espanhol, utilizando recursos visuais de apoio, como o PowerPoint, com pelo menos 10 dos termos selecionados.

Encerrado o projeto, as professoras não ficaram surpresas com o bom resultado das apresentações. “Ao final de quatro anos de Espanhol (do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II), nossos alunos têm um domínio muito bom do idioma. Nossa proposta é a de que, a partir dos 14 anos, eles já estejam preparados para o exame do DELE”, diz a professora Valéria Tini, referindo-se ao Diploma de Espanhol como Língua Estrangeira, certificação internacional concedida pelo Ministério da Educação, da Cultura e dos Esportes da Espanha.

Segundo Valéria, as aulas regulares de Espanhol no Sabin têm a missão de capacitar o aluno a prestar o exame de nível A1 do DELE, o primeiro dos seis níveis de proficiência no idioma, que já permite enfrentar situações cotidianas de comunicação escrita e oral, com

desenvoltura. No início do 9º ano, porém, a alguns alunos é dada a oportunidade de, além das aulas em horário regular, participarem de um curso preparatório para o nível B1 – o terceiro na escala de proficiência – duas vezes por semana, na hora do almoço. (Veja o gráfico para entender o processo de preparação do 9º ano.)

A cada ano, o número de alunos certificados pelo DELE só aumenta. E ainda restam os três anos do Ensino Médio para que os interessados avancem nas certificações. “Imagine um aluno sair do Colégio com diplomas de Inglês e de Espanhol!”, diz Yisely. “O nível B2, por exemplo, já pode ser usado para o ingresso em universidades estrangeiras.” Além disso, lembra Valéria, “você tem casos, como livros em Alemão, que são mais bem traduzidos para o Espanhol do que para o Português. Para a vida acadêmica e profissional, isso abre muitas portas”.

Ouvindo as professoras falarem, fica claro que a despedida do 9º ano pode ser, na verdade, o início de uma trajetória de muitas conquistas. E não restam dúvidas de que os alunos estão preparados.

MERGULHANDO NA MATEMÁTICA

Poucos alunos do Sabin conhecem o professor **Arlindo Massao**, mas, para eles, sua presença é fundamental. Contratado para preparar nossos participantes em Olimpíadas de Matemática, Massao defende que a Matemática seja exercitada por todos.

O que o aluno ganha ao participar de olimpíadas acadêmicas?

Amadurecimento. Ele aprende a enfrentar dificuldades e percebe que a solução está dentro de si. Além disso, encontra alunos de outras escolas e percebe que tem concorrentes. Vence quem tiver mais coragem de se arriscar.

O que os Módulos Preparatórios para Olimpíadas têm de especial?

Aprofundamento. Resolvemos as questões das mais variadas formas. Adiantamos o conteúdo, mas com o conhecimento que eles já têm. O grande segredo é pensar de forma simples.

Por que Matemática é importante?

Exercícios matemáticos são treinos de organização de pensamento. Hoje, é inaceitável que um profissional de Humanas não entenda Matemática. O mercado exige profissionais completos e questionadores – e eu vejo essas qualidades nos alunos do Sabin.



COMO É A PREPARAÇÃO DO 9º ANO PARA O DELE (Diploma de Espanhol como Língua Estrangeira)

Existem 6 níveis de proficiência (do mais básico ao mais avançado): A1, A2, B1, B2, C1, C2





Canção da despedida

No Sarau das 3^{as} séries do Ensino Médio, sentimentos à flor da pele, respeito mútuo e surpresas marcam o adeus aos alunos concluintes.

ILUSTRAÇÃO POR BÁRBARA IAMAGUCHI, 3^a D, E CELINA IMAMURA, 3^a A

Há mais ou menos uma década, todo mês de dezembro, os alunos da 3^a série do Ensino Médio do Sabin vivem um momento de significado e emoção singulares, mesmo num ano já cheio de significado e emoções. Durante uma noite, meninos e meninas concluintes participam de um sarau no qual podem expor sentimentos e talentos – alguns, pela primeira vez – numa cerimônia de adeus ao Colégio, aos professores e aos amigos. Segundo a professora Marta Rovai, professora de História e organiza-

dora do Sarau das 3^{as} séries, se a Formatura é a despedida oficial do Sabin e a viagem a Porto Seguro, que acontece em julho, é a despedida festiva, o Sarau é a despedida afetiva da turma. “É um dia de sentimentos à flor da pele, a maioria chora de emoção”, diz a professora. Se a tradição se mantiver, novas lágrimas serão derramadas no próximo dia 6.

Embora o termo seja mais identificado com declamações de poesias e músicas, o Sarau das 3^{as} séries costuma contar com uma maior diver-

sidade de talentos e manifestações. Os alunos se apresentam como quem ou com o que sabem fazer de melhor: músicas, danças e poemas dividem o espaço com performances teatrais, movimentos de karatê, demonstrações de origami, entre vários outros talentos, de acordo com a personalidade de cada aluno. “É um momento de doação e de valorização do que ficou”, diz Marta. “O que eu quero deixar para meus colegas e professores? O que eu levo do Sabin? Quem eu levo do Sabin?”

Pela natureza livre do evento, não é raro acontecerem surpresas. Florinda Manuchaguian, coordenadora pedagógica do Ensino Médio, lembra de um ex-aluno que, munido de violão e um relógio de pulso, cumprimentou os colegas e, durante cinco minutos cronometrados, ficou em silêncio sem to-

car uma nota sequer. Não se tratava de timidez, *essa era a ideia da performance* (não muito diferente, aliás, da célebre composição do músico norte-americano John Cage, composta em 1952 e intitulada 4’33” – uma gravação de 4 minutos e 33 segundos de silêncio, exceto pelos sons da plateia que a “ouvia”). “O importante foi que os colegas respeitaram a apresentação dele, aplaudiram no final”, diz Florinda.

Segundo Marta Rovai, esse respeito é uma marca do Sarau. “Eles reconhecem que é um importante ritual de passagem para todos.” Para alguns, entretanto, é também um momento de revelação.

Em 2003, Beatriz Carunchio passou o seu último ano no Sabin com a mesma timidez que a caracterizara desde a infância. “Não que eu não tivesse amigos”, lembra a ex-aluna. “Eu tinha boa interação com todos, mas pavor de falar em público.” Além da timidez, porém, Bia tinha duas outras marcas: o gosto e o talento para escrever poemas. Naquele ano, a menina havia publicado o livro de poesias *O Tempo não Espera* (disponível na Biblioteca do Sabin) e resolveu ler algumas delas no Sarau. Mereceu longos aplausos. Surpreendeu vários colegas, mas, principalmente, a si mesma. “Para todo mundo, principalmente para os jovens, é muito importante se expor, para se descobrir, descobrir o que você é e o que tem a oferecer.”

Hoje, com Graduação e Mestrado em Psicologia e especializações em Neuropsicologia e Psicobiofísica no currículo, Bia continua se expondo. Ela escreve sobre qualidade de vida em seu blog pessoal (www.biacarunchio.blogspot.com.br) e, garante, superou o medo de falar em público: “Tenho dado várias palestras e cursos”. Uma vitória que teve início num momento muito especial, nove anos atrás, quando ela se despediu do Sabin, de forma poética.



Ambientes reproduzem celas e cotidiano de presos políticos no Memorial da Resistência.

NOS PORÕES DA DITADURA

Agrupadas num raio de menos de 1 quilômetro, no bairro da Luz, três instituições dedicam-se à preservação da memória brasileira. Duas delas, a **Pinacoteca do Estado de São Paulo** e o **Museu da Língua Portuguesa**, expõem ao público parte significativa da memória artística do País. Já a terceira, existe para preservar um capítulo mais sombrio da nossa história. É o **Memorial da Resistência**, instalado na Estação Pinacoteca – no mesmo prédio onde, entre 1940 e 1983, funcionou o Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DOPS), o órgão de repressão mais violento da ditadura militar. No dia 26 de outubro, essas três instituições receberam a visita dos alunos da 3^a série do Ensino Médio do Sabin. Foi um dia de contrastes, como era a intenção da professora Marta Rovai: “Acho interessante que percebam que existem diferentes formas de construir a História; toda história é apenas uma versão do passado”. Depois de testemunharem algumas das obras mais belas e alguns dos atos mais hediondos já realizados no Brasil, os alunos puderam ter uma versão um pouco mais rica do nosso passado coletivo.

A plenos pulmões

A Princesa e o Sapo, primeiro musical de fim de ano com música ao vivo, apresenta desafios que o grupo de Teatro do Sabin está preparado para enfrentar.

Antes de se abrirem as cortinas para a estreia do Musical de Fim de Ano do Sabin, no dia 23 de novembro, os espectadores que tiverem assistido às apresentações dos anos anteriores perceberão um elemento diferente no Anfiteatro Picasso: uma banda de jazz a postos, ao lado do palco. Pela primeira vez, o grupo de Teatro do Colégio apresentará uma peça com música ao vivo, com atores interpretando e cantando a plenos pulmões, sem *playback*.

Oito microfones instalados acima do palco vão capturar a voz do elenco, que em novembro faz cinco ensaios com o grupo Smooth Jazz BR. A sintonia entre atores e banda terá de ser perfeita para que os instrumentos não abafem as vozes e ninguém comece a tocar fora do tempo. “Vai ser um casamento de teatro, música e dança”, diz o professor de Teatro Ricardo Sonzin Jr., ressaltando que a coreografia dos dançarinos também vai apresentar nível inédito de dificuldade e profissionalismo.

Não é por menos, portanto, a seriedade com que alguns atores conversaram com a reportagem do **MAIS** sobre seus personagens e o enredo do Musical, baseado numa animação que, por si só, já rende boas discussões: *A Princesa e o Sapo*. Marcando a primeira vez em que os estúdios Disney trazem uma princesa negra como protagonista, o filme dá margem a reflexões sobre questões de cor, classe, religião e gênero. “Tiana é uma princesa incomum da Disney; ela não é passiva, não fica apenas esperando o príncipe encantado”, diz o aluno Marco Antônio Calil sobre a protagonista.

Ricardo explica que a ideia não é oferecer uma interpretação política do enredo. Até porque “o Musical tem de agradar a públicos de todas as idades, preservar o ‘sonho’”. Mas não deixa de ser importante notar o nível de reflexão crítica com que os atores encaram a preparação de seus papéis – uma das funções educativas, afinal, de se fazer Teatro.

A história é conhecida de quem já assistiu ao filme: na Nova Orleans dos anos 1920, berço do jazz e palco de forte cultura africana, a jovem Tiana é trabalhadora e obstinada. Seu sonho é abrir um restaurante para continuar o trabalho do falecido pai. A esse cenário chega o vaidoso príncipe Naveen – que, apesar do título, não tem um centavo no bolso – à procura de uma esposa rica. O destino de ambos cruza-se com o do sombrio Dr. Facilier, que transforma o príncipe em sapo por meio de um feitiço que só pode ser desfeito com o beijo de uma princesa. Até que Tiana beija Naveen. E o resultado não sai como planejado.

Assumindo seu primeiro protagonista em um Musical do Sabin, **Tarcísio Dias**, do 9º ano E, dá vida ao príncipe Naveen em forma de sapo. “Ele se acha um galã, mas não é”, diz o ator sobre seu personagem. “É meio bobo, convencidão, mas gosto muito dele.” Tarcísio contracena com as alunas **Vitória Kühn** (Tiana em forma humana) e **Beatriz Borsatto** (Tiana em forma de rã).

Segundo Vitória, “Tiana tem objetivos muito fortes na vida. É guerreira”. A aluna da 2ª série A do Médio foi escolhida para o papel quase que por demanda geral dos colegas. “Todos dizem que me pareço muito com a personagem, mas é só na aparência; eu queria era ter a mesma personalidade.” Já a veterana Bia Borsatto, da 3ª B, vê na versão anfíbia de Tiana uma personagem mais próxima do seu jeito de ser, depois de ter vivido uma protagonista mais delicada, em *A Bela e a Fera*, há dois

anos. “Tiana se mexe mais no palco, é mais explosiva, dinâmica; eu não tinha nada da Bela”, diz a atriz. “Mas a Bia sempre encontra o caminho até a personagem”, diz o professor.

Outro que não parece ter medo de desafios é **Enrico Micheletti**, da 2ª C, que assume papel duplo: ele será o príncipe Naveen em forma humana e ainda o personagem Lawrence, um vilão coadjuvante, quando este se transforma em Naveen, graças ao feitiço do Dr. Facilier. Para completar, Enrico ainda toca o ukulele em uma cena da peça. Perguntado sobre a razão de ser o escolhido para o papel, o ator começa a elaborar resposta quando é interrompido pela gozação de **Marco Antônio Calil**, da 3ª D: “Porque ele é o príncipe das nossas vidas”.

É Marco quem dá vida ao grande vilão da peça. “O Dr. Facilier é oportunista ao extremo, quer enriquecer a qualquer custo”, diz o ator. “Para ele, é justo transformar Naveen em sapo.” Ricardo considera-o perfeito para o papel: “Eles têm a mesma figura esguia, o jeito de caminhar, a sedução, um ar de mistério”, diz o professor.

Para o ator, o papel é ótimo: “Fazer vilão é muito mais divertido”. O que faz Ricardo lembrar o momento em que, meses atrás, Bia Borsatto lhe sugeriu a ideia de encenarem *A Princesa e o Sapo*. “Ela me disse: ‘Eu acho que a gente vai se divertir tanto fazendo esse!’” Porque, afinal, diz o professor, todo o profissionalismo e a preparação estão a serviço da diversão que é fazer e apreciar Teatro.

Assista a trechos do ensaio dos atores no canal de YouTube da nossa Fan Page no Facebook

A Princesa e o Sapo estreia no dia 23/11 e a temporada vai até 1º/12.





Lucca Martini é aluno da 1ª série C do Ensino Médio, faixa verde de Judô e autor desta matéria.

Lições do tatame

Aprender a cair e levantar, no Judô, ajuda atletas a se preparar para os verdadeiros desafios da vida.

Não é fácil praticar o Judô: são muitas quedas e muito suor. O esforço e a dedicação dos alunos do Sabin permitiram-lhes, no entanto, colher os frutos de um ano de treino. Na segunda-feira, 5 de novembro, ocorreu a cerimônia de troca de faixas, que é extremamente importante para a evolução dentro do esporte. O evento ocorreu no Ginásio Poliesportivo (4º andar do Prédio Picasso) e contou com a presença de pais e familiares, que puderam testemunhar o clima amistoso. As faixas representam o grau de desenvolvimento do atleta e de adequação à filosofia do Judô.

A graduação consiste na entrega da faixa conseguinte à do aluno, de acordo com a ordem de cores determinada pela Confederação Brasileira de Judô – não como forma de recompensa, mas como início de um novo grau de responsabilidade e comprometimento. O sentimento de felicidade do atleta na hora da troca da faixa é inexplicável, segundo o aluno João Pedro. O reflexo se dá nos olhos emocionados dos pais, orgulhosos pelo cumprimento de mais uma etapa de vida pelos pequenos. Segundo o professor mais graduado (maior faixa) do Brasil, Massao Shinohara, “o Judô ensina o caminho da vida”, evidenciando

a função do esporte como formador de cidadãos conscientes e justos.

Aprendendo a cair e a levantar, o praticante do Judô metaforiza os processos de desafios da vida. O amadurecimento ante a possibilidade de “perder” desenvolve a humildade, de forma que só se saia “ganhando”, ao fim. Prepara-se, dessa forma, o contato com as adversidades mundo afora, criando alunos duros, fortes,

mas que amolecem pela compaixão, pelo respeito e pela ajuda ao outro – princípios da arte marcial. O professor de Judô Filipe Terada, atual campeão brasileiro, diz que todos na vida são “eternos aprendizes”, ou seja, devem sempre procurar no-

A troca de faixas no Judô não é só uma recompensa; é o início de novo grau de responsabilidade.

vos conhecimentos, não importando seu grau de experiência. “O aprendiz não é via de mão única”, diz o professor.

Inventado pelo mestre Jigoro Kano, no ano de 1882, no Japão, o Judô hoje é praticado no mundo inteiro. Seu nome vem da junção dos ideogramas *Ju* (suavidade, adaptabilidade) e *Do* (caminho), indicando que o caminho da suavidade é adaptar-se à força e ao movimento adversário, buscando o melhor uso da energia para atingir o pleno controle. O esporte é disponibilizado no Colégio Albert Sabin para alunos de todas as idades, desde o 2º ano do Ensino Fundamental e tem cada vez mais inscritos todos os anos.